

Escolas acabam com reforço

Atendimento psicopedagógico da rede oficial de ensino na Asa Sul é suspenso por falta de espaço e prejudica alunos especiais

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Gabriel Veríssimo, de 9 anos, não pára quieto. Superdotado, descarregar energia é com ele mesmo. Não importa o lugar nem a hora. Com dificuldade de concentração nas aulas, ele precisa de reforço especial para acompanhar os colegas de turma. Qualquer coisa o dispersa e o distrai.

Há três anos, além das aulas no ensino regular, o garoto tem atendimento psicopedagógico da Fundação Educacional. Ou melhor, tinha. Desde o início do ano, o acompanhamento — que era feito numa sala da Escola Classe 416 Sul — foi suspenso por falta de espaço físico.

Com a chegada de novos alunos à rede — “e como o atendimento não é prioritário, mas apenas um projeto” (palavras da chefe da Seção de Apoio Escolar (SAE) da Divisão Regional de Ensino da Asa Sul, Fátima Neri), a turma do atendimento psicopedagógico foi para os ares.

Gabriel, Letícia, Pedro, Rafael (da Escola Classe 305 Sul) e mais 50 alunos matriculados na rede pública da Asa Sul que precisam do acompanhamento diário estão com problemas de readaptação nas escolas onde estudam. Preocupam os pais e até as próprias crianças.

“No ano passado, a tia Natália (professora que o acompanhou no atendimento psicopedagógico) me deixava tranquilo e me ajudava muito nos deveres. Agora, não consigo acompanhar os meus colegas e sinto dificuldade em aprender”, diz o espevitado Gabriel, pulando de um lado para o outro no pátio da escola.

Sua avó, Vera Lúcia Veríssimo, confirma: “Por não conseguir acompanhar a turma, ele já começou a apresentar problemas de comportamento. Outro dia agrediu uma coleguinha”.

“O acompanhamento é vital para o Gabriel”, atesta a professora do ensino regular, Márcia Bastos, que tem formação em psicologia. “Estou com oito alunos que precisam do reforço e estão sendo prejudicados”, contabiliza a vice-diretora, Ieda Bulhoa Veloso.

SEM CONDIÇÃO

Colega de Gabriel, Letícia Regina Pinheiro, 9 anos, cursa a 3ª série. Tem dificuldade na hora de escrever porque troca as letras. “Quando eu ia ter aula com a outra tia (atendimento especial) aprendia tudo”, diz.

“Fico estarelecida com o descaso do governo em relação à educação. Exatamente esse governo, que disse que construiria uma sala de aula por dia”, revolta-se Nelma Dourado, mãe do garoto Luís Felipe, 9 anos, que também recebia atendimento psicopedagógico na 416 Sul.

Hiperativo, Luís Felipe engrossa o time de Gabriel. Atrapalha-se na hora de estudar porque não consegue concentrar-se. Para contornar o problema e não deixar o filho sem acompanhamento, a funcionária pública contratou professora particular e o convênio de saúde da família banca uma sessão de terapia do menino. A outra é do bolso dela. “Não está sendo fácil manter tudo isso.”

A costureira Cristina Claudino, mãe da aluna Renata Santana, 12 anos, está apavorada com a iminência de a filha perder o ano. Renata cursa a 5ª série na Escola Classe 106 Sul e as notas estão muito baixas.

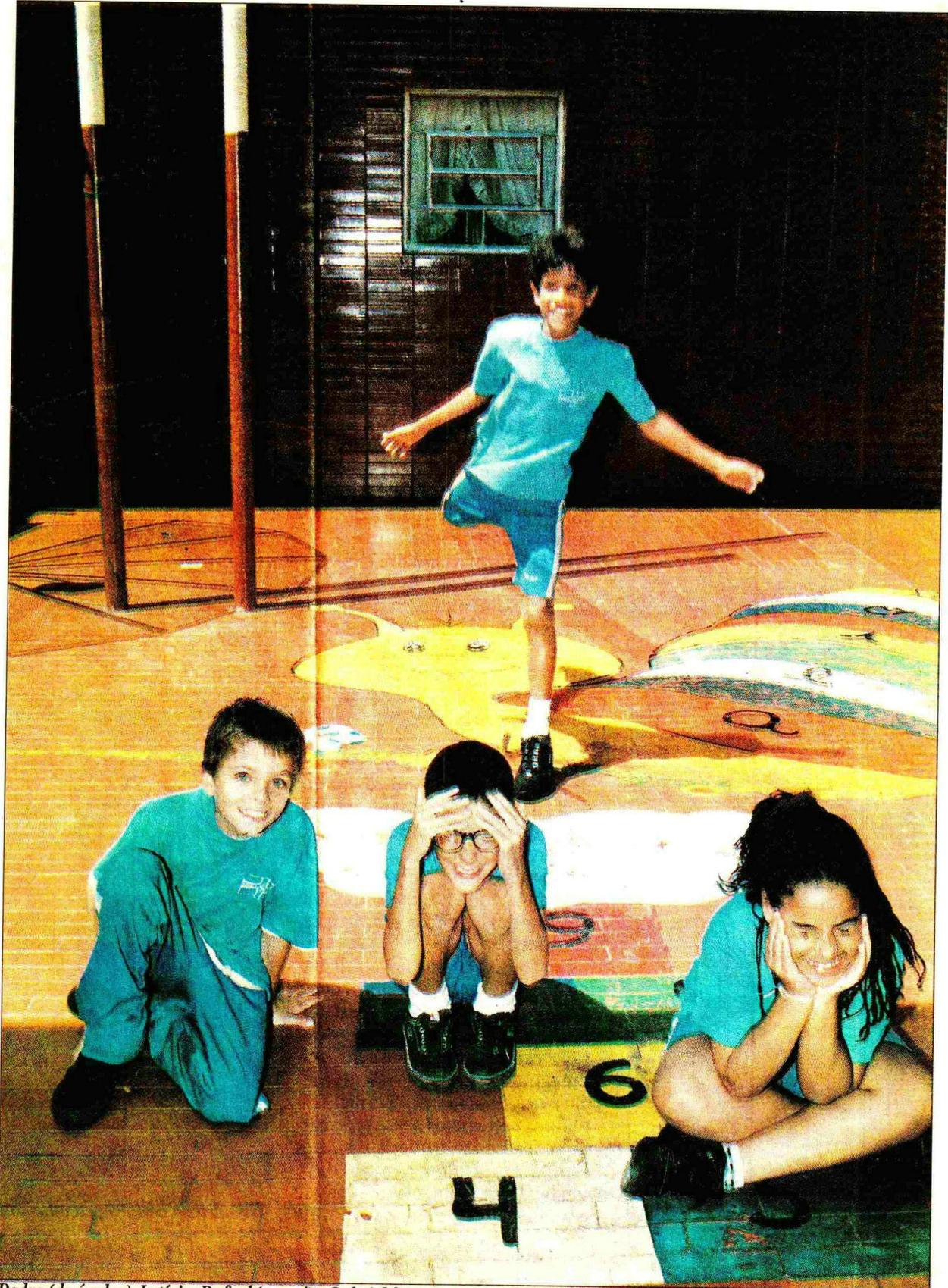
“Ela tem dificuldade na escrita, na organização do pensamento e na leitura. Só acompanha a turma porque nos últimos dois anos vem recebendo atendimento especializado”, diz. “Eu não tenho condições de pagar um reforço particular. Isso me angustia porque estou vendo que ela pode perder o ano.”

ESTÍMULO

O atendimento psicopedagógico foi criado pela Fundação Educacional para ajudar alunos de 1ª a 4ª séries que apresentem qualquer problema de aprendizagem. Acompanhados por dois profissionais — um com formação em pedagogia e outro em psicologia —, os alunos têm aulas de reforço e desenvolvem atividades lúdicas, que estimulam o raciocínio e a capacidade de criação.

A chefe do SAE disse que a desativação da equipe que atendia na Escola Classe 416 Sul se deu em decorrência do aumento de alunos nos turnos regulares. “Sabemos o pre-

Glaucio Dettmar



Pedro (de óculos), Letícia, Rafael (em pé) e Gabriel ficaram sem o atendimento especial para complementar a educação

juízo que esses alunos poderão ter”, reconhece Fátima Neri. “Estamos procurando turmas disponíveis junto a outras escolas para resolver o problema”, informa.

Preocupada com a situação, a coordenadora do atendimento psicopedagógico, Maria José Lopes, antecipou que a Divisão Regional de Ensino está negociando com o

Caseb a liberação de uma sala que atualmente serve de depósito de material. “Talvez em 40 dias poderemos começar o atendimento.”

Antes, a própria Fundação cogitou a idéia de construir duas turmas no Elefante Branco para o Centro de Atendimento Psicopedagógico da Asa Sul. Esqueceu-se de um detalhe: a escola é tombada

pelo Patrimônio Histórico e Cultural e não se pode construir nem demolir nada.

Se os alunos da Regional da Asa Sul estão vivendo esse dilema, pelo menos na Asa Norte a situação é menos dramática. Na Escola Classe da 405 Norte a escola cedeu uma sala para atender às crianças com problema de aprendizagem.